



Associação Brasileira de Pesquisadores  
em Jornalismo

## Violência de Estado contra jornalistas: impactos práticos e éticos das perseguições do governo Bolsonaro

**Rogério Christofolletti**

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

**Resumo:** Os ataques contra jornalistas no governo de Jair Bolsonaro não são práticas raras ou episódicas. Relatórios de organizações que monitoram a violência demonstram o crescimento das agressões e o acirramento de um clima anti-imprensa, fatores que elevam o risco no exercício do jornalismo nos últimos anos. A escalada levou redações a adotarem novos cuidados para a segurança pessoal dos repórteres, por exemplo. Este artigo se concentra nos testemunhos de dez repórteres de sete veículos de referência que cobrem o entorno presidencial. Os dados foram colhidos por um questionário dirigido a vítimas ou testemunhas dos ataques. Este artigo sistematiza as formas de agressão e vestígios de mudanças nas práticas cotidianas. Os resultados apontam para adaptações procedimentais, desamparo institucional, efeitos da intimidação, e reafirmação de um *ethos* marcado pelo rigor e responsabilidade.

**Palavras-chave:** violência contra jornalistas; governo Bolsonaro; risco profissional; transformações no jornalismo; ética profissional.

### 1. Uma violência de Estado

O dia 1º de janeiro de 2019 foi longo para quem iria cobrir a posse de Jair Bolsonaro em Brasília. As orientações aos credenciados foram muito mais rígidas se comparadas a outras cerimônias do mesmo tipo, a jornada de trabalho excedeu 14 horas e o tratamento dispensado pela segurança chegou a ser ameaçador. Diferente das posses anteriores, os jornalistas não puderam transitar livremente pelo Palácio do Planalto, preci-

.....

saram levar lanche e água, pois não teriam acesso à área de convívio, e deveriam “evitar movimentos bruscos. Fotógrafos não deveriam erguer suas máquinas. Qualquer movimento suspeito poderia levar um *sniper* a abater o ‘alvo’”, alertaram os organizadores<sup>1</sup>. Os jornalistas foram impedidos de acessar os banheiros sociais e tiveram que esperar horas em pé, pois não havia cadeiras no ambiente. A lista de restrições e o tom de ameaça causaram estranhamento e revolta. Inconformados com o confinamento inédito, profissionais estrangeiros denunciaram “cárcere privado” e deixaram o local antes do final da posse<sup>2</sup>.

Se a cerimônia é habitualmente repleta de simbolismos, seu esquema de segurança foi um cartão de visitas. Dali em diante, as relações entre o governo Bolsonaro e a imprensa seriam tensas e conflitivas<sup>3</sup>, com uma sucessão de ataques públicos do presidente e apoiadores, buscando desacreditar veículos e humilhar os profissionais, muitas vezes em suas esferas pessoais.

Em quase três anos de governo, Bolsonaro publicamente ofendeu, humilhou, atacou e ameaçou repórteres. Usou *lives* no YouTube para criticar a imprensa, emitiu decretos que asfixiavam receitas de anúncios em jornais, e incitou eleitores a boicotarem e reagirem às coberturas ao seu governo. Além disso, ignorou as tradicionais entrevistas coletivas, e negou-se a atender os veículos que considera inimigos.

A violência do presidente aos jornalistas não é uma prática isolada, já que é replicada por ministros e outros atores políticos. É violência efetuada em situações públicas, de forma reiterada e apoiada na autoridade e nos instrumentos do Estado. Diferente da crítica esperada de políticos diante do escrutínio da imprensa, a prática é virulenta, intimidadora e aviltante, cumprindo função num projeto de poder avesso à prestação de contas e à transparência dos atos públicos. Além disso, os ataques do presidente e seus apoiadores muitas vezes funcionam para desviar a atenção popular frente a escândalos<sup>4</sup>.

A forma continuada das agressões configura perseguição, e seu exercício pelo presidente da República, ministros e filhos políticos ajudam a dar contornos de uma au-

<sup>1</sup> Ver <<http://tiny.cc/jvkhuz>> Acesso em 26 de julho de 2021.

<sup>2</sup> Ver <<http://tiny.cc/kvkhuz>> Acesso em 20 de julho de 2021.

<sup>3</sup> No primeiro ano de governo, em dez meses, foram 162 críticas à imprensa, conforme levantamento do Aos Fatos, disponível em <<https://www.aosfatos.org/noticias/bolsonaro-fez-162-criticas-imprensa-desde-janeiro-globo-e-folha-sao-principais-alvos/>> Acesso em 31 de julho de 2021.

<sup>4</sup> Como no caso das relações comerciais do então secretário da Comunicação do governo, Fabio Wajngarten. Ver <<http://tiny.cc/svkhuz>> Acesso em 30 de julho de 2021.

têmica violência de Estado, dirigida a um grupo, os jornalistas críticos. A truculência se alimenta da autoridade dos cargos ocupados, e a estratégia recorre frequentemente a ofensas pessoais, como quando Bolsonaro disse que um repórter tinha “uma cara de homossexual terrível”<sup>5</sup> ou quando se referiu à mãe de outro profissional<sup>6</sup>. Ataques às repórteres mulheres são constantes<sup>7</sup>. Em várias oportunidades, o presidente, aos gritos, mandou jornalistas se calarem, chamou-os de “idiotas”<sup>8</sup> e os ameaçou. Em agosto de 2019, por exemplo, disse que “se excesso jornalístico desse cadeia, todos vocês estariam presos”<sup>9</sup>, e cinco meses depois, afirmou que os jornalistas “eram raça em extinção”<sup>10</sup>, e que seriam colocados na lista de espécies ameaçadas do Ibama.

O presidente não age sozinho. O então ministro do Meio Ambiente usou a Advocacia Geral da União (AGU) para interpelar judicialmente dois jornalistas<sup>11</sup>. André Mendonça, à época ministro da Justiça, quis enquadrar jornalista e chargista na Lei de Segurança Nacional<sup>12</sup>, o que fez a Polícia Federal intimar um colunista<sup>13</sup>. As secretarias de Governo (Segov) e de Comunicação (Secom) monitoraram as redes sociais de jornalistas, desviando-se de suas finalidades e utilizando recursos públicos para intimidar repórteres<sup>14</sup>. Seguranças ameaçaram uma repórter de TV<sup>15</sup>, e o advogado do presidente iniciou ameaça de morte a uma colunista<sup>16</sup>. Em setembro de 2020, um levantamento da ONG Artigo 19 mostrou que agentes políticos ligados ao governo federal cometeram 449 violações a jornalistas em 20 meses<sup>17</sup>.

Num governo que renuncia à liturgia de equilíbrio no cargo, a animosidade bolsonarista contra a imprensa ultrapassa a dimensão de gesto individual, pois a repetição dos ataques sinaliza para seus apoiadores que a tônica deve ser mesmo agressiva. Se

<sup>5</sup> Ver <<http://tiny.cc/tvkhuz>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>6</sup> Ver <<http://tiny.cc/vvkhuz>> Acesso em 31 de julho de 2021.

<sup>7</sup> Ver <<http://tiny.cc/wvkhuz>> Acesso em 26 de julho de 2021. Sobre violência digital e misoginia online contra jornalistas, há um debate mais aprofundado em Ramos (2020).

<sup>8</sup> Ver <<http://tiny.cc/yvkhuz>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>9</sup> Ver <<http://tiny.cc/zvkhuz>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>10</sup> Ver <<http://tiny.cc/0vkhuz>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>11</sup> Ver <<https://www.diariodeataques.org/blog/salles-usa-agu-para-perseguir-jornalistas-cientista-e-ambientalista-que-o?categoryId=163374>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>12</sup> Ver <<http://tiny.cc/1vkhuz>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>13</sup> Ver <<http://tiny.cc/3vkhuz>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>14</sup> Ver <<http://tiny.cc/7vkhuz>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>15</sup> Ver <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/reporter-da-cnn-diz-que-seguranças-de-bolsonaro-ameaçaram-imprensa-no-palacio-da-alvorada/>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>16</sup> Ver <<http://tiny.cc/8vkhuz>> Acesso em 27 de julho de 2021.

<sup>17</sup> Ver <<https://artigo19.org/2020/09/15/linha-do-tempo/>> Acesso em 20 de julho de 2021.

.....

o exemplo vem de cima, cada ataque do presidente autoriza agressões de seus comandados ou eleitores. Em maio de 2020, por exemplo, uma apoiadora deu uma bandeirada em repórter que cobria ato pró-governo<sup>18</sup>, e um ano depois, outro repórter foi hostilizado em manifestação semelhante<sup>19</sup>. Em abril de 2021, quatro homens invadiram uma emissora de rádio e ameaçaram um jornalista que havia criticado a política de Bolsonaro no combate à pandemia<sup>20</sup>.

Repetitiva, distribuída e utilizando as forças e recursos governamentais, a ofensiva do governo Bolsonaro à imprensa configura um tipo particular de violência de Estado, distinta das perseguições e prisões do Estado Novo e Ditadura Militar e diferente das ações de extermínio de populações marginalizadas por polícias estaduais, mas não menos preocupante e inaceitável.

Entidades de classe – como a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) - e organizações não-governamentais – como Artigo 19 e Repórteres Sem Fronteiras – se ocupam tradicionalmente de reunir informações sobre essas violações elaborando relatórios da violência. O volume dos casos e a escalada da agressividade são alarmantes, destoando completamente da fricção natural entre governantes e quem os fiscaliza. Em julho deste ano, o presidente brasileiro passou a figurar na lista dos predadores mundiais da liberdade de imprensa, elaborada pelos Repórteres Sem Fronteiras<sup>21</sup>. O infame rol tem 37 chefes de Estado e de governo, que sistematicamente reprimem, censuram, prendem jornalistas de forma arbitrária e incitam a violência contra eles.

Para além de interesses imediatamente corporativos, o registro e a documentação dos ataques aos jornalistas nos últimos anos são tarefas importantes e necessárias para toda a sociedade pois ajudam a compor um quadrante da violência praticada contra um grupo profissional específico num recorte temporal bastante determinado. São atos de violência verbal, psicológica, simbólica e física praticados por autoridades políticas, e estimuladas ou endossadas pelo governo, que não as repudia nem as combate com políticas públicas.

<sup>18</sup> Ver <<http://tiny.cc/9wkhuz>> Acesso em 2 de agosto de 2021.

<sup>19</sup> Ver <<http://tiny.cc/awkhuz>> Acesso em 2 de agosto de 2021.

<sup>20</sup> Ver <<http://tiny.cc/cwkhuz>> Acesso em 30 de julho de 2021.

<sup>21</sup> Ver <<http://tiny.cc/dwkhuz>> Acesso em 24 de julho de 2021.



No primeiro ano do governo Bolsonaro, foram contabilizados 208 ataques aos jornalistas (um aumento de 54,07% em relação a 2018), sendo 121 protagonizados pelo presidente da República (Fenaj, 2019). Em 2020, a mesma fonte registrou uma “explosão da violência”, quando foram documentados 428 registros (crescimento de 105,77%). Mais uma vez, o principal agressor foi Jair Bolsonaro, responsável por 175 ocorrências, a maioria delas tentativas de desacreditização da imprensa, mas também por 27 agressões diretas aos profissionais. Servidores públicos, incluindo comissionados, foram os que mais atentaram contra a liberdade de imprensa, depois do presidente (20,09% do total), quase sempre atos de censura.

A Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT) também monitora ataques à imprensa<sup>22</sup>, mas utiliza outra metodologia de estudo e não nomina os principais agressores. Essas condições fizeram com que, em 2019, o relatório da entidade patronal contabilizasse 56 casos de violência não letal, redução de 50,87% em relação ao ano anterior (Abert, 2020). O empresariado chegou a considerar o período “alvisareiro”, embora reconhecesse que foi “um ano raivoso”. Em 2020, o otimismo derreteu, já que os episódios cresceram 167,85%, alcançando o patamar de 150 ocorrências de violência não letal (Abert, 2021). Mais uma vez, o relatório não aponta os principais agressores, mas o presidente da República é citado em diversas violações, na forma de intimidações, ofensas e ameaças. Na apresentação do relatório, a entidade menciona a pandemia de Covid-19 e as eleições municipais, evitando destacar a violência bolsonarista contra a imprensa. Coube a Emmanuel Colombié, diretor para a América Latina da Repórteres Sem Fronteiras (RSF), criticar “a postura abertamente hostil do governo Bolsonaro” em artigo na publicação.

No Relatório Global de Expressão 2020, o Brasil ocupa o 94º lugar entre 161 países, posicionando o país entre os que têm liberdades restritas (Artigo 19, 2021). O país teve a maior queda de pontuação no estudo na década. “Este declínio acelerou com a chegada de Jair Bolsonaro ao poder no início de 2019, com uma queda de 18 pontos em apenas um ano” (*op.cit.*: p.26). A Artigo 19 destaca que a pandemia fez do Brasil “um exemplo extremo de como líderes autoritários e restrições à liberdade de expressão,

---

<sup>22</sup>A Fenaj faz esse acompanhamento desde 1998 e a Abert desde 2012.

.....  
combinados com a desinformação, representam um alto risco para a saúde pública”  
(*op.cit.*: p.30).

No ranking da RSF sobre liberdade de imprensa, o Brasil ocupa a 111ª posição, pior classificação desde o início do acompanhamento em 2013<sup>23</sup>. O ano de 2020, por exemplo, foi considerado particularmente “sombrio” pela ONG, que registrou 580 ataques à mídia<sup>24</sup>. Jair Bolsonaro “tenta metodicamente calar a imprensa”<sup>25</sup>, avaliam os observadores, e a tendência é piorar, apontam. Nos primeiros seis meses de 2021, o número de ataques do presidente contra a imprensa aumentou 74% em relação ao segundo semestre de 2020. A imprensa é “um verdadeiro saco de pancadas da família Bolsonaro”, caracteriza a Repórteres Sem Fronteiras. Entre janeiro e junho deste ano, o presidente protagonizou 87 ataques, seu filho Eduardo, deputado, respondeu por 85 e seu irmão Carlos, vereador no Rio de Janeiro, foi autor de 83.

Estudo envolvendo 13 organizações latino-americanas, lançado em julho de 2021, mostrou que os alertas contra violações à liberdade de imprensa, à liberdade de expressão e ao acesso à informação cresceram 222% no Brasil de 2019 para 2020. Segundo o informe, Jair Bolsonaro é um chefe de Estado que ataca as liberdades fundamentais, e sob seu governo as liberdades de imprensa e de expressão, o acesso à informação e a segurança dos jornalistas “se deterioraram” com a estigmatização dos jornalistas, corrosão da confiança do público no jornalismo, e incentivo de seus apoiadores à violência (Voces Del Sur, 2021).

## 2. Materiais e Métodos

Os relatórios anuais de violência contra jornalistas dedicam-se a contabilizar os casos, caracterizar os ataques e permitem também observar o agravamento das situações no comparativo de séries históricas. Como esse monitoramento é suficientemente realizado por essas organizações, neste artigo, pretendemos voltar a atenção para aspectos mais qualitativos.

Para possibilitar a emergência das vozes dos alvos desses ataques, recorremos aos testemunhos de jornalistas que cobrem diariamente o entorno presidencial, conside-

<sup>23</sup> Ver <<https://rsf.org/pt/brasil>> Acesso em 2 de agosto de 2021.

<sup>24</sup> Ver <<http://tiny.cc/ewkhuz>> Acesso em 1 de agosto de 2021.

<sup>25</sup> Ver <<http://tiny.cc/fwkhuz>> Acesso em 10 de julho de 2021.

.....

rado um polo irradiador da violência de Estado. Sabemos que as agressões são praticadas em outros lugares, como em manifestações de rua<sup>26</sup> ou as cercanias do Palácio da Alvorada<sup>27</sup>. Mas, jornalisticamente, a cobertura cotidiana dos passos do presidente da República é pauta obrigatória, ocasião em que se pode repercutir assuntos ou inquiri-lo sobre os rumos do país. É uma situação de grande proximidade física entre autoridades e repórteres, possibilitando fácil observação de casos.

Optamos, então, por reunir os dados e as impressões de repórteres que foram vítimas ou testemunharam ataques contra outros jornalistas em plena cobertura. Para compor uma amostra de depoentes, partimos dos relatórios de violência para identificar nomes de profissionais vitimizados. Além disso, acionamos outros jornalistas que cobrem o Planalto para indicarem colegas, numa estratégia de redução de vieses. Chegamos a uma lista com mais de duas dezenas de profissionais atuantes nos maiores veículos impressos, de internet e radiodifusão.

Tratar de violência estatal num contexto permanente de ameaças de golpe de Estado e de perseguição a jornalistas é um empreendimento complexo e delicado. Para garantir algum sucesso na coleta desses dados e dar mais condições de segurança aos participantes da pesquisa, optamos pela aplicação de um questionário online com 30 questões abertas e fechadas. Atendendo aos protocolos de ética em pesquisa<sup>28</sup>, garantimos o anonimato completo dos participantes e nos preocupamos em manter sigilo sobre informações ou características pessoais que pudessem levar as suas identificações.

Os participantes foram abordados por e-mail, redes sociais e por serviços de mensageria instantânea. Nesses contatos, eram informados sobre os objetivos da pesquisa e eventuais benefícios indiretos, como a adoção de protocolos de trabalho mais seguros. Os convites continham link para o formulário que só poderia ser respondido após o sujeito manifestar seu consentimento em participar da pesquisa. O participante também era informado que poderia retirar seu consentimento a qualquer momento, e que sua participação era voluntária e não remunerada.

---

<sup>26</sup> Como a ocorrida com a equipe da CNN Brasil em maio de 2021. Ver: <<http://tiny.cc/gwkhuz>> Acesso em 26 de julho de 2021.

<sup>27</sup> Apelidado de “cercadinho do Alvorada”, foi palco de diversas declarações polêmicas e agressões a jornalistas <<https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/palco-de-criises-e-embates-cercadinho-do-alvorada-marcou-segundo-ano-do-governo-bolsonaro.html>> Acesso em 25 de julho de 2021.

<sup>28</sup> Observamos as instruções da Resolução 510/16 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), disponível em <<http://tiny.cc/jwkhuz>> Acesso em 20 de maio de 2021.

O formulário com o questionário da pesquisa foi configurado para receber respostas ao longo da terceira semana de julho de 2021, quando foi possível alcançar uma população de dez indivíduos (n=10), oriundos de sete veículos jornalísticos de referência: os jornais Folha de S.Paulo e O Globo, a revista Veja, as emissoras televisivas CNN Brasil e TV Globo, e os portais noticiosos Reuters e UOL. A amplitude e variedade apresentam um panorama ilustrativo da situação. Estamos conscientes de que tais critérios limitam os resultados desta pesquisa, mas lembramos que não há nela qualquer caráter estatístico ou totalizante. Nosso objetivo é dar mais visibilidade aos testemunhos dos jornalistas, ampliando a compreensão das violências sofridas e seus impactos sobre as práticas e a ética profissional.

O questionário contém 21 questões de múltipla escolha e outras nove, abertas, que permitem que os participantes detalhem as situações cotidianas estudadas. Recolhidas as respostas, o formulário foi desativado. As informações foram interpretadas à luz da análise do conteúdo e hermenêutica. Atendendo aos protocolos de ética em pesquisa e da Lei Geral de Produção de Dados, todos os dados dos depoentes serão deletados em 30 de novembro de 2021.

### **3. Resultados e discussão**

O questionário aplicado aos jornalistas está estruturado em três seções que caracterizam as violências nos últimos dois anos, seus contextos de ocorrência e impactos. Participaram da pesquisa dez jornalistas de sete veículos de referência nacional ou internacionais com sucursais no país e/ou com serviços dedicados em português. Nove são repórteres e uma colunista. Sete são homens e três mulheres. Três têm até cinco anos de carreira e seis são mais experientes, com dez anos ou mais de trajetória em redações.

#### **3.1 Características e incidência**

Iniciamos o questionário indagando se os respondentes, nos últimos dois anos, tinham sido vítimas de agressão verbal ao cobrir o governo federal. Oito jornalistas confirmaram violências do tipo como ofensas, humilhações ou ameaças (Q1<sup>29</sup>). Os participantes da pesquisa foram estimulados a detalhar as ocorrências (Q2):

---

<sup>29</sup> Q1 = Questão 1. Notação semelhante nas ocorrências seguintes.

*“Foram xingamentos por parte de apoiadores e grosserias por parte do presidente”.*

*“O presidente Jair Bolsonaro já me mandou calar a boca durante coletiva de imprensa. Também já fui xingada por apoiadores do presidente. Além disso, em uma cobertura em frente ao Palácio do Planalto, um colega meu, o fotógrafo Dida Sampaio, foi agredido e todos nós tivemos que abandonar a cobertura. A maioria dos fatos ocorreu em 2020”.*

*“As ameaças não costumam vir de integrantes do governo, a não ser quando o presidente Bolsonaro ou o ministro [do Gabinete de Segurança Institucional Augusto] Heleno perdem a linha. Os apoiadores fazem esse papel, brifados pelo gabinete do ódio. Já recebi emails e comentários ameaçadores e há um apoiador em especial, o empresário Octávio Fakhouri, que liga para repórteres que o citam, liga pros chefes, pressionar com processo judicial - e processa mesmo”.*

*“Em diversas oportunidades fui alvo de xingamentos e intimidações de apoiadores do presidente da República. Os ataques aconteceram na presença de policiais militares, autoridades e políticos, que pouco ou nada fizeram sobre. Cheguei a ser retirado pela polícia ou tive que me retirar de manifestações pró-governo por segurança”.*

*“Os ataques partem principalmente do presidente Bolsonaro e de seus apoiadores. Nas agendas do presidente, viagens, e no “cercadinho” do alvorada, onde não piso desde o começo de 2020. Mas lá foram diversos episódios de intimidação dos apoiadores e ataques do presidente. Lembro de ter sido muito ofendido por apoiadores, que chamavam e reagiam às perguntas feitas ao PR [presidente da República] no Alvorada. Mandavam calar a boca, diziam que imprensa não presta, ‘lixo’, etc. Do presidente, ouvi respostas agressivas a algumas perguntas feitas no cercadinho”.*

Nove dos dez participantes da pesquisa testemunharam agressões verbais a colegas (Q3), e seus depoimentos detalham os episódios na quarta questão (Q4):

*“Eu estava ao lado do repórter que foi chamado de homossexual terrível, ou algo assim, no fim de 2019. Também da repórter que o PR mandou calar a boca no mesmo ano. Os dois casos foram no cercadinho, onde os ataques se concentravam”.*

*“Fui testemunha de muitos episódios de ofensas e agressões verbais. Em agendas do presidente Bolsonaro fora do Palácio do Planalto, onde a segurança da imprensa não é garantida. Um deles, na porta do ministério da Defesa, manifestantes do movimento 300 xingou e colocou o dedo na cara do colega do Globo, Daniel Gullino”.*

*“O presidente já ofendeu diversos colegas meus em coletivas de imprensa e apoiadores dele também no Palácio da Alvorada”.*

*“Em geral, são xingamentos de ‘comunista’, ‘esquerdista’, ‘globalixo’, etc. Também os de gênero ‘vagabunda’, ‘estagiária’, etc”.*

*“Já estive no cercadinho do palácio da Alvorada quando o presidente pediu ‘perguntas inteligentes, não perguntas burras’ a uma colega”.*

*“Presidente mandou repórter calar a boca e ameaçou de agressão física”.*

*“Da mesma forma que eu, colegas também foram insultados em manifestações e atos pró-governo ou até em cerimônias que constavam na agenda oficial do presidente por apoiadores dele. Ofendidos e intimidados apenas por estarem trabalhando”.*

Quando se trata de violência física, metade dos participantes afirma ter sofrido agressões (Q5 e Q6). Outros três testemunharam ataques a colegas (Q7):

*“Durante uma manifestação bolsonarista, um manifestante chegou a tirar meu celular da minha mão, irritado por estar sendo filmado, mas foi convencido por outros manifestantes a devolver”.*

*“Empurrões leves por parte de seguranças do presidente, mas nada grave”.*

*“Fui puxado pela alça da mochila pelo chefe da segurança presidencial”.*

*“Em um dos atos com a presença do presidente fui agredido com socos, empurrões e tapas por três mulheres. Uma delas inclusive foi localizada em inquérito policial por reconhecimento facial e responderá na Justiça por isso”.*

Os ataques pela internet são mais frequentes<sup>30</sup>. Nove em dez dos respondentes afirmam já ter sofrido agressões por apoiadores ou membros do governo, e de forma unânime, conhecem colegas de profissão que foram vítimas (Q8, Q9, Q10).

*“É frequente. Quando publico matérias minhas no twitter eles costumam xingar e cobrar. Também nos comentários das matérias e até em e-mails pra mim. Chamam de fake news, de ódio ao governo, de petismo”.*

*“Fui ofendido virtualmente e ameaçado diversas vezes por usuários de redes como Instagram ou Twitter quando fiz matérias que apontavam falhas em processos do governo federal, mudanças de conduta da equipe do presidente ou até em reportagens que elencavam mortes por coronavírus e falavam da vacinação”.*

*“Após sofrer uma agressão verbal do presidente, e de ter meu nome divulgado, diversos apoiadores deles me xingaram pelo Twitter, seja por mensagens ou por tweets”.*

*“Inúmeras vezes, com ilações sobre o meu trabalho ou posicionamento político e críticas a matérias que desagradaram o presidente ou algum integrante do governo”.*

*“Xingamentos e provocações no Twitter e no Instagram, além de um email xingando minha mãe”*

*“Tive um prolema com o general Heleno. Publiquei uma entrevista dele, e ele não gostou. Escreveu meu nome nas redes sociais, chamou de jornalista sem ética, algo assim, e a publicação teve dezenas de milhares de interações. Alguns foram até meu perfil no Twitter para ofender. Mas não cheguei a receber um ataque mais elaborado, com dados pessoais, por exemplo, para intimidar. Em geral, sempre há ofensas quando publico algo nas redes sociais que trata do governo”.*

*“Durante coletivas feitas no início da pandemia, que eram transmitidas ao vivo, alguns apoiadores do presidente pegavam imagens nossas, chegavam a distorcer o rosto, e compartilhavam com ofensas no YouTube e Twitter”.*

<sup>30</sup> Sobre violência digital contra jornalistas, ver Christofolletti e Torres (2018), e Torres (2020).

.....

Fora da internet, o contexto da violência tem contornos bem nítidos sobre quem, onde e quando se pratica. Aos participantes foram apresentadas listas de alternativas, e eles poderiam assinalar mais de uma opção por pergunta. Populares apoiadores do governo foram apontados em todas as respostas, e o presidente da República é o segundo polo de ataques desferidos. Ministros, seguranças e familiares de Bolsonaro também foram identificados pelos respondentes. As redes sociais são os *loci* de maior ocorrência das agressões<sup>31</sup>, seguidas do cercadinho do Alvorada e do Palácio do Planalto. Em canais privados como telefone e e-mail, elas também acontecem. Segundo os depoentes, a violência não é episódica. Ela se deu nos últimos três anos, com maior intensidade em 2019 e 2020 (Q11, Q12, Q13 e Q14). Há dificuldades dos profissionais em avaliar as condições de segurança de seu exercício profissional. Na questão 15, eles foram estimulados a assinalar quão seguro é seu trabalho e nenhum dos participantes considera “muito seguras” essas condições.

### 3.2 Impactos da violência

Ameaças frequentes e um clima permanentemente hostil podem contribuir para reações dos jornalistas e dos veículos de comunicação. Objetivando captar reflexos desse tipo, perguntamos aos participantes se, nos últimos dois anos, seus empregadores ofereceram treinamento ou capacitação sobre segurança pessoal para fazer suas coberturas. Todos os profissionais ouvidos foram categóricos, afirmando que não receberam, condição que é muito preocupante tendo em vista que atuam em alguns dos maiores veículos de mídia do país (Q16 e Q17).

Em compensação, nove em dez jornalistas afirmaram que as empresas para as quais trabalham adotaram algum protocolo de segurança para reportagem ou modificaram práticas já existentes, o que sinaliza disposição de reação (Q18 e Q19). De forma espontânea, a alteração mais mencionada foi o abandono da cobertura no cercadinho do Alvorada, ocorrida em maio de 2020<sup>32</sup> e apontada como um ambiente tóxico para as coberturas e de alta exposição às investidas de apoiadores do governo. Na saída do palácio onde mora o presidente da República, o lugar é frequentado por populares que buscam

<sup>31</sup> Conforme demonstram Ramos e Saad (2020), a violência digital contra jornalistas brasileiros não é uma exclusividade do governo Bolsonaro.

<sup>32</sup> Ver <<http://tiny.cc/lwkhuz>>; <<http://tiny.cc/nwkhuz>>; <<http://tiny.cc/owkhuz>> Acessos em 19 de julho de 2021.

.....

contato mais próximo com Bolsonaro para fazer pedidos, fazer fotos e vídeos pessoais, e demonstrar seu apoio ao governo. Cercado por grades de contenção, o local permite aglomeração física e poucos metros separam jornalistas da claque presidencial, que é frequentemente hostil e agressiva. Como o presidente vinha se mostrando avesso a entrevistas coletivas, o cercadinho era uma ocasião para repórteres abordarem Bolsonaro para perguntas e repercussões. Cotidianamente, esses profissionais eram vaiados, ofendidos e interrompidos pelos apoiadores, sofrendo ameaças e outros constrangimentos, às vezes estimulados por Bolsonaro. Frequentar o cercadinho representava um dilema: vale a pena expor-se a tais riscos para colher declarações, muitas vezes, jornalisticamente irrelevantes? O abandono dessa cobertura implicaria em privar o público de informações?

Nas redações e sucursais em Brasília, o tema era frequentemente discutido. Entidades classistas como Fenaj e Abraji tentaram convencer o Gabinete de Segurança Institucional a garantir condições mínimas e dignas para os jornalistas. O aumento na quantidade e intensidade das ofensas e humilhações, e o risco de ataques físicos convenceram paulatinamente os veículos a não mais escalar seus repórteres para cobrir o cercadinho. Mas o abandono dessa prática não foi a única reação dos veículos, conforme enumeraram os participantes desta pesquisa (Q18 e Q19):

*“Em alguns eventos, eu fui acompanhada de segurança da minha empresa”.*

*“O jornal O Globo suspendeu a ida de seus repórteres ao Palácio da Alvorada”.*

*“[A empresa para quem eu trabalho] recomendou que abandonássemos a cobertura se houvesse risco e entregou equipamentos de proteção”.*

*“[Fomos orientados a fazer] coberturas em locais mais afastados no caso de manifestações, em algumas situações em locais de vista panorâmica, sem qualquer contato com o ato”.*

*“Deixamos de ir para o Palácio da Alvorada por vários meses. Cobrimos protestos sem crachá de identificação”.*

Perguntamos aos jornalistas se, nos últimos dois anos, haviam recebido apoio jurídico em episódios de violência que merecessem respostas do tipo. Quatro deles responderam afirmativamente e outros quatro não souberam responder (Q 20 e Q 21):

*“Me foi oferecido apoio jurídico após uma agressão, mas acabou não foi utilizado”.*

*“Jurídico do jornal atuou no caso de ofensas à repórter Patrícia Campos Mello”.*

*“[Recebi] auxílio jurídico com a contratação de escritório de advocacia criminal para processo contra agressores”.*

*“[Tive] orientação para processos”.*

Quando foram indagados se os veículos de imprensa ofereceram apoio psicológico diante da violência dos últimos anos (Q22 e Q23), os jornalistas foram unânimes: em nenhum caso, as empresas disponibilizaram cuidados terapêuticos aos repórteres ou editores. O dado é alarmante porque revela um quadro de absoluto desamparo dos repórteres em relação à manutenção de suas saúdes mentais em meio a um cotidiano estressante, arriscado, perigoso e, às vezes, aviltante.

As condições extremas de trabalho e os graus variados de violência a que estão submetidos os jornalistas impactam em suas práticas profissionais. Nove dos dez participantes da pesquisa afirmaram que a hostilidade do governo Bolsonaro provocou mudanças nas suas formas de apuração (Q24). Também nove em dez já se sentiram intimidados em fazer perguntas a autoridades em entrevistas (Q25). Um quinto reconheceu que já recuou em investigações ou abandonou algum assunto com medo de retaliações do governo ou seus apoiadores (Q26). Metade modificou a forma como escreve, relata, narra ou se expressa (Q27). Embora esta pesquisa não tenha caráter quantitativo e os dados não possam ser generalizados, as respostas colhidas sinalizam para efeitos preocupantes da atmosfera de violência que cerca o exercício jornalístico no país.

Na questão 28, uma lista com sentimentos foi apresentada aos jornalistas para que marcassem os mais despertados diante das investidas contra o jornalismo. Raiva foi o mais assinalado, seguido de perto de dois sentimentos conflitantes: medo e determinação/vontade de fazer mais. Desânimo veio na sequência. Apatia e sentimento de injustiça foram os menos marcados. Comentários solicitados em Q29 explicitam melhor o cenário emocional dos jornalistas, permeado de autocensura:

*“Tenho mais temor em falar coisas em público ou até mesmo na minha casa, com medo de que alguém possivelmente ouça o que estou falando, que isso seja retirado de contexto, tanto virtualmente quanto presencialmente”.*

*“Sinto que a imprensa nunca se fez tão necessária. Tanto para combate às fake news, quanto para mostrar o que o governo não quer que seja mostrado”.*

*“Indignação talvez seja a palavra mais adequada, diante da impotência e da falta de ter a quem recorrer”.*

*“No cercadinho do Alvorada, já evitei fazer algumas perguntas quando percebi que o clima estava agressivo demais. Também evito algumas fontes que têm comportamento agressivo, que compartilham nas redes a conversa com o jornalista, fora do contexto, etc.”.*

*“O desânimo é causado pela dificuldade de fazer com que o Jornalismo seja compreendido pela sociedade. A raiva, de não conseguir trabalhar normalmente em uma cobertura importante por conta de ataques. Quando sou alvo, tenho a determinação de fazer mais jornalismo para denunciar os agressores. Mas a apatia em relação a tudo isso é frequente também e talvez seja o sentimento que melhor descreva o que penso, como ajo e como me sinto nessas situações”.*

*“[Fico] apático e com uma certa preguiça dessas pessoas e situações”.*

*“Os ataques despertam raiva e sentimento de inconformidade. E incentivam a seguir trabalhando, a não se calar. Mas, no caso do empresário que processa criminalmente jornalistas usando sua rica assessoria jurídica, eu evito citar a não ser que seja muito importante. Ele deixou de ser exemplo em matérias, por exemplo. Triste cenário”.*

*“Senti medo e raiva durante e logo após as agressões. Refletindo depois, me deram mais vontade de continuar e reforçar o trabalho”.*

*“Ficamos com receio de agressão, mas, ao mesmo tempo, isso nos dá força para continuar a fazer mais e melhor”.*

*“É bastante confuso e cansativo. A família também se expõe”.*

Se os sentimentos despertados com o cenário hostil são ambíguos, os jornalistas parecem não ter dúvidas sobre que atitudes essa atmosfera gera. Segundo apontam, o jornalismo reage com mais rigor na apuração, mais cuidado na escrita, no texto e no relato, e mais zelo na edição dos conteúdos. Em Q30, uma lista com nove alternativas foi apresentada aos participantes e eles podiam marcar mais de uma opção se necessário. De forma inequívoca, as respostas apontam para firmeza e compromisso com os procedimentos jornalísticos mesmo diante das animosidades e ataques.

Ao final do questionário, comentários adicionais poderiam ser deixados de forma espontânea, e eles reforçam a sensação de profissionais tensos, pressionados, mas ativos e comprometidos:

*“É precisa manter a atenção máxima para não dar nenhuma munição, por mais que nem seja necessário errar para se tornar alvo de ataques (basta desagradar)”.*

*“Eu tento ser mais cuidadoso com as apurações. Por medo de alguma autoridade tentar expor apuração/texto nas redes sociais, desacreditar o trabalho etc. Fora o risco de processo/perseguição. Ao mesmo tempo, esse clima de rivalidade, creio, leva alguns jornais/jornalistas a considerarem errado/suspeito tudo o que sai do governo”.*

*“Acho que isso tudo contribuiu para uma postura mais combativa na hora de fazer perguntas ao presidente”.*

#### **4. Considerações finais**



É evidente que os resultados apresentados neste artigo são bastante limitados principalmente porque a violência contra os jornalistas no governo de Jair Bolsonaro faz parte de um processo complexo, espalhado e – infelizmente! - ainda em progresso. Mais pesquisas e monitoramentos precisam ser feitos para mapear na integralidade os ataques do mandatário e seus apoiadores de forma a documentar os graus e as intensidades dos tensionamentos entre a política e o jornalismo neste período agudo e tumultuado da democracia brasileira. Mesmo diante das muitas limitações, esperamos ter contribuído neste artigo para uma caracterização das violências sofridas tendo, sobretudo, os testemunhos de suas vítimas ou testemunhas.

Os dados colhidos nos permitem entrever alguns impactos nas práticas jornalísticas que, mesmo que ligeiras, podem evoluir progressivamente e resultar em recuos ou desvios nas coberturas. A violência reiterada contra os profissionais da informação é aqui caracterizada como uma violência de Estado, pois se apoia na autoridade do cargo presidencial e utiliza de forma consciente recursos e instrumentos governamentais para ser exercida, como o Ministério da Justiça, a Advocacia Geral da União e a Procuradoria Geral da República, para citar os mais evidentes.

Os impactos dos ataques sobre a prática jornalística também são sentidos na forma de autocensura e silenciamento - derivados do clima hostil contra os repórteres - e como a naturalização da violência, devido à sua frequência e diversidade. Neste contexto, ganham destaque as agressões sofridas nos meios virtuais que, de tanto praticadas, já são esperadas pelos jornalistas, denotando uma atmosfera tóxica, perigosa e insalubre para os profissionais que, simplesmente, não podem abandonar as redes sociais, dada a natureza da sua profissão.

Em médio ou longo prazo, receamos que a escalada da violência provoque um afrouxamento dos rigores de cobertura, desviando o jornalismo de sua função social e histórica de auxiliar a sociedade a acompanhar e cobrar satisfações de seus governantes.

O tema da violência de Estado contra os jornalistas não é um assunto que cabe apenas às redações e às organizações de mídia. Todos os processos de silenciamento e cerceamento da atividade jornalística, ao fim e ao cabo, objetivam tornar opacos e desconhecidos atos que deveriam ser públicos e transparentes. Estão em jogo a liberdade de imprensa e a liberdade de expressão, mas também o direito à informação e *accountabi-*

lity governamental, cujas proteções estão previstas em lei e são bases das democracias liberais contemporâneas.

## Referências

- ABERT. **Violações à liberdade de expressão - Relatório Anual 2020**. Brasília, 2021.
- ABERT. **Violações à liberdade de expressão - Relatório Anual 2019**. Brasília, 2020.
- ARTIGO 19. **Revista Artigo 19 - Defendendo a Liberdade de Expressão**, vol. 1, 2021.
- CHRISTOFOLETTI, R.; TORRES, R.J. Jornalistas expostos e vulneráveis: ataques digitais como modalidade de risco profissional. **Revista Famecos**, v. 25, n. 3, setembro,-dezembro de 2018.
- FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - Relatório 2019**. Brasília, 2019.
- FENAJ. **Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil - Relatório 2020**. Brasília, 2020.
- MELLO, P. C. **A Máquina do Ódio. Notas de uma repórter sobre fake News e violência digital**. Companhia das Letras, São Paulo, 2020.
- RAMOS, D. O. **Origens da misoginia online e violência digital contra jornalistas mulheres**. In: Anais do 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2020.
- RAMOS, D. O.; SAAD, E. **Violência digital contra jornalistas: o caso das eleições presidenciais de 2018**. Anais do 19º Encontro da Compós, 2020, Campo Grande.
- TORRES, R.J. **Jornalismo vigilante sob vigilância: vulnerabilidades e potencialidades do jornalismo investigativo brasileiro**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.
- VOCES DEL SUR. **Jornalismo em tempos de Covid-19: autoritarismo, desinformação e precariedade na América Latina**, 2021.